

O ISRAEL ANTIGO NOS CURRÍCULOS ACADÊMICOS DE HISTÓRIA: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Josué Berlesi*

Resumo

O presente trabalho visa apresentar e discutir os resultados preliminares do levantamento bibliográfico realizado de forma *online* junto aos dez melhores cursos de História de acordo com a classificação proposta pelo jornal Folha de São Paulo. O objetivo consiste em identificar que obras são usadas para o estudo acadêmico do antigo Israel nos cursos de formação de professores das IES envolvidas. Tal levantamento permite analisar o grau de atualização que vive a academia nacional se comparada ao cenário europeu, onde se constatam as principais inovações no que concerne à interpretação da história antiga de Israel.

Palavras-chave: Israel antigo. Currículo de História. Historiografia.

Abstract

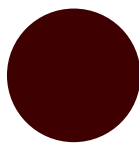
This paper aims to present and discuss the results of the bibliographic survey conducted online along the ten best History courses according to the newspaper Folha de Sao Paulo. The aim is to identify which books are used for the academic study of ancient Israel in the training courses for teachers of the universities involved. This survey allows us to analyze the degree of update existent in the national academy compared to the European scene, where is possible identify the major innovations about the interpretation of ancient history of Israel.

Keywords: Acient Israel. History Curriculum. Historiography.

Considerações Iniciais

A preocupação central do presente trabalho reside em auscultar como o tema “Israel antigo” tem sido abordado nas graduações em História, notadamente, nos cursos de formação de professores. Tendo em vista a dificuldade de se analisar os mais de quinhentos

* Doutorando em Teologia pela EST/RS (bolsista Cnpq). Docente de História Antiga na UFPA/Cametá. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: josue.berlesi@bol.com.br. "O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil".



cursos presentes no Brasil¹, tal estudo limitar-se-á a investigar as ementas das disciplinas de história antiga², onde comumente se insere a história de Israel, dos dez melhores cursos de História de acordo com a classificação proposta pelo jornal Folha de São Paulo, a qual será mais bem explicitada adiante.

Por meio da investigação das fontes referidas acima se espera ter uma dimensão de quais materiais são usados no trato do Israel antigo e, por conseguinte, identificar o grau de atualização dos mesmos se comparados as pesquisas de ponta sobre o tema levadas a cabo, especialmente, no contexto europeu.³ Evidentemente, o foco de análise estará centrado nas produções bibliográficas utilizadas, contudo, isso não implica o descarte de outras fontes, como, por exemplo, filmes e documentários. Afinal, como bem destaca Hugo Assmann: “Na era multimídia é saudável descolar-se com bastante liberdade da mediocridade usual de ter uma única referência, em geral o livro-texto[...]”⁴ Não obstante, o grande acesso aos meios de informação acaba por afetar o perfil do estudante contemporâneo, o qual participa com mais intensidade do processo de construção do conhecimento, o que acaba sendo extremamente saudável uma vez que: “Nenhuma disciplina está pronta, muito menos nos livros. É preciso recriar a cada curso. E não é tarefa exclusiva do professor. Quando corretamente motivados, os alunos se entusiasmam para participar da renovação do conteúdo da disciplina.”⁵

Feitas tais considerações, é preciso analisar, em primeiro lugar, qual é o espaço destinado ao tema “Israel antigo” nos cursos a serem analisados, afinal, o período formativo da graduação é o alicerce que sustenta o futuro profissional na sala de aula. A qualidade da informação recebida durante o período de formação, sem dúvida, terá impacto na atuação profissional do licenciado.

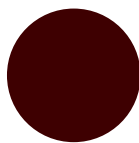
¹ Tal informação está disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>, visto em 28/03/2014.

² A obtenção das ementas é possível por meio do acesso aos *sites* das IES analisadas, entretanto, também é importante destacar a colaboração de alguns docentes que fizeram a gentileza de enviá-las via e-mail, desse modo, registra-se o agradecimento aos seguintes docentes: Anderson Vargas (UFRGS), Renato Pinto (UFPE) e Rolph Cabaceiras (UFF).

³ No cenário europeu merece destaque principal a Universidade de Copenhague, onde atuaram/atuam docentes como Niels Peter Lemche e Thomas L. Thompson.

⁴ ASSMANN, Hugo. *Curiosidade e prazer de aprender: o papel da curiosidade na aprendizagem significativa*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 218.

⁵ ASSMANN, 2004, p. 219.



Algumas considerações sobre o RUF

No ano de 2013 a Folha de São Paulo divulgou o “Ranking Universitário Folha” contendo a classificação das IES brasileiras em distintas áreas, tais como ensino, pesquisa e inserção no mercado de trabalho. Em síntese o referido ranking contempla cinco áreas, desse modo, além das três já citadas soma-se ainda “inovação” e “internacionalização”.⁶ Cada área é avaliada de acordo com critérios próprios, incluindo, em grande parte, dados oficiais fornecidos pelos órgãos do governo tais como MEC e Inep.

No Ranking por Ensino, por exemplo, foram considerados:

pesquisa feita pelo Datafolha com uma amostra de 464 professores universitários cadastrados pelo Inpe-MEC que fazem avaliações dos cursos de graduação. Eles responderam quais eram as melhores instituições em suas respectivas áreas de atuação; Percentual de professores com dedicação integral, coletado do Censo da Educação Superior 2011; Percentual de professores com doutorado, coletado do Censo da Educação Superior 2011; Nota dos cursos de graduação no Enade, avaliação do governo federal.⁷

De acordo com o ranking por ensino, os dez melhores cursos de História são pertencentes às seguintes instituições: USP, UFMG, Unicamp, UFRGS, PUCRS, UFRJ, UNB, UFF, PUCSP, UFPE. Como se pode notar a ampla maioria dessas instituições está centrada na região sudeste do país, a qual também detém a maior oferta nacional do curso de História.⁸

Vale destacar que o RUF tem seus critérios próprios, sendo assim, a classificação por ele proposta pode contrastar com os dados oficiais, como, por exemplo, a avaliação do Enade (Exame Nacional dos Estudantes), o que conseqüentemente tem reflexos no CPC (Conceito Preliminar do Curso). Os dez melhores cursos de História apresentados pelo RUF são de fato reconhecidos em meio à comunidade acadêmica de historiadores, entretanto, um deles recebeu baixa qualificação no CPC, sendo reprovado pelo MEC: trata-se do curso de História da PUC-SP.⁹

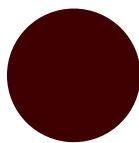
Uma vez que a nota do Enade é usada como critério para se estabelecer o conceito dos cursos, se faz importante lembrar que existem os casos de boicote ao referido exame,

⁶ Para um melhor detalhamento de como é elaborado o RUF, veja-se: <http://ruf.folha.uol.com.br/2013/comoefeitooruf/>, visto em 28/05/2014.

⁷ http://arte.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/09/09/entenda_o_ruf/metodologia_completa.pdf, visto em 28/05/2014.

⁸ Informação extraída do portal do Ministério da Educação: <http://emec.mec.gov.br/> (acesso em 13/02/2014).

⁹ Veja-se: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/01/08/mec-divulga-lista-com-mais-38-cursos-ruins-que-devem-ser-punidos.htm>, visto em 28/05/2014.



ou seja, os alunos se negam a fazer a prova ou se organizam para marcarem sempre a mesma alternativa na prova objetiva, o que evidentemente acaba prejudicando a avaliação do curso, desse modo, nesses casos não há uma relação direta entre a nota obtida e a qualidade do curso.¹⁰

Os dez melhores cursos

Feitas as devidas considerações sobre o RUF cabe então proceder à análise das disciplinas de História Antiga para identificar o espaço destinado à história antiga de Israel bem como auscultar os materiais utilizados para o estudo desse tema. A partir disso é possível ter ciência do grau de atualização da academia nacional no que concerne a interpretação da história antiga de Israel.

A USP é a instituição que figura em primeiro lugar na lista do RUF e, de fato, trata-se da universidade de maior prestígio dentro do país. O curso de História da referida instituição contempla duas disciplinas obrigatórias de história antiga, as quais estão dispostas nos primeiros semestres do curso. Há uma peculiaridade importante dessa IES que deve ser destacada, ou seja, as disciplinas de história antiga são responsabilidade de diversos docentes de modo que o estudante convive com mais de um professor ao longo da matéria. Dessa maneira, cada profissional acaba trabalhando com temáticas que são mais próximas a sua especialidade.¹¹

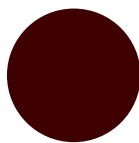
Na USP, a disciplina “História Antiga I” está dividida em três unidades: A, B, e C. Em tese, o conteúdo programático abrange o mundo antigo oriental e ocidental, contudo, em nenhum momento do programa existe referência explícita a história de Israel.¹² Do mesmo modo, a bibliografia apresentada não traz nenhuma obra específica sobre Israel, porém, há um manual geral sobre antiguidade oriental onde o Israel antigo está presente. Trata-se da obra “O Oriente Próximo Asiático: impérios Mesopotâmicos – Israel”¹³, a qual será analisada adiante. Por sua vez, a disciplina “História Antiga II” está dividida em duas unidades: A e B, da

¹⁰ Veja-se: <http://adusp.org.br/index.php/139-movimento-discente/390-estudantes-da-puc-sao-punidos-por-boicotar-enade>, visto em 28/05/2014.

¹¹ A USP contém atualmente cinco docentes da área de Antiga. Veja-se: <http://historia.fflch.usp.br/docentes/graduacao>, visto em 28/05/2014.

¹² Veja-se em: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sgldis=FLH0105>, visto em 02/06/2014.

¹³ GARELLI, P. & NIKIPROWETZKY, V. *O Oriente Próximo Asiático: impérios Mesopotâmicos – Israel*. São Paulo: Pioneira, Edusp. 1982.



mesma forma, o conteúdo abarca o oriente antigo e o mundo clássico, mas, sem nenhuma referência explícita a Israel seja no programa seja na bibliografia.¹⁴

No caso da UFMG tem-se apenas uma única disciplina de História Antiga que se propõe a estudar o oriente antigo e o mundo clássico.¹⁵ Entretanto, a parte oriental da disciplina limita-se a analisar as super-potências do mundo antigo: Egito e Mesopotâmia. Desse modo, a disciplina exclui de sua análise todos os grupos humanos menores que habitaram o oriente próximo na antiguidade, caso em que se insere Israel. Da mesma forma, não consta nenhuma obra específica sobre esse último na bibliografia, entretanto, observa-se a presença do mesmo manual geral sobre oriente usado na USP.

A graduação em História da Unicamp, por sua vez, contempla, assim como a UFMG, uma única disciplina de História Antiga. No entanto, o conteúdo programático da disciplina faz referência explícita a Israel (hebreus). A disciplina em questão está dividida em cinco módulos, sendo que os “hebreus” aparecem no “módulo 3”, chamado “Antiguidade Oriental”.¹⁶ Entretanto, chama atenção o fato do conteúdo em questão ser trabalhado conjuntamente com o tema cristianismo (“hebreus e cristianismo” conforme consta no programa da disciplina).¹⁷ Acontece que a bibliografia apresentada sobre os “hebreus” na realidade se limita a abordar o judaísmo¹⁸, ou seja, não há uma análise da história de Israel e além disso comete-se o equívoco de se considerar como sinônimos os termos “hebreu” e “judeu”.¹⁹

A única obra específica sobre Israel citada na bibliografia usada na Unicamp é o livro “A Bíblia não tinha razão” de Finkelstein e Silberman.²⁰ O referido trabalho é calcado no

¹⁴ Veja-se em: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sgldis=FLH0106>, visto em 02/06/2014.

¹⁵ Veja-se em: <http://www.fafich.ufmg.br/atendimento/historia/programas-das-disciplinas/programas-historia-versao-2001/periodo-01/HISTORIA%20ANTIGA.pdf/view>, visto em 02/06/2014.

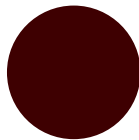
¹⁶ Veja-se em: <http://www.ifch.unicamp.br/graduacao/disciplinas/semestre113/disciplinas/HH185A.pdf>, visto em 03/06/2014.

¹⁷ As informações disponíveis no *site* do curso apresentam dois programas da disciplina de história antiga. Um deles usado em 2013 e outro em 2014. A versão que une hebreus e cristianismo é a de 2013.

¹⁸ De fato as obras listadas na bibliografia de 2013 fazem referência direta ao judaísmo e não a história de Israel. Uma das obras presentes é a de Salo Barom, “História e historiografia do povo judeu”. Entretanto, deve se destacar de maneira positiva a presença da obra de Shlomo Sand (A invenção do povo judeu) que discute de maneira crítica a historiografia judaica dos séculos XIX e XX.

¹⁹ Sabidamente tais termos não podem ser tomados como sinônimos, além da distância cronológica entre ambos o termo “hebreu” parece estar limitado a uma categoria sociológica. Veja-se uma discussão mais apropriada em DONNER, H. História de Israel e dos povos vizinhos. São Leopoldo, Sinodal – IEPG/Petrópolis, Vozes, vol. I, 1997, p. 80-81.

²⁰ Tal obra aparece na bibliografia usada em 2014. Veja-se: <http://www.ifch.unicamp.br/graduacao/disciplinas/semestre114/disciplinas/HH185A.pdf>, visto em 03/06/2014.



esforço de pesquisa dos autores citados, mas, a obra em questão configura-se mais como um livro de divulgação do que propriamente um texto acadêmico. Inegavelmente o livro marcou época e impactou os estudos sobre Israel principalmente pelo fato de apresentar o rei Josias como figura central para se entender a narrativa bíblica. Esse, porém, é o alvo das críticas sobre a referida obra, ou seja, o livro parte do pressuposto de que a reforma religiosa do rei Josias é um fato histórico, embora essa seja uma questão controversa.²¹ De todo modo, a presença do referido livro deve ser vista de maneira positiva por incorporar percepções atualizadas e estar em harmonia com a pesquisa arqueológica crítica praticada em Israel.²²

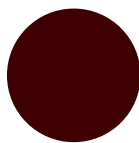
No caso da UFRGS existem duas disciplinas para abarcar a história antiga sendo que Israel aparece na primeira delas, chamada “História Antiga I”. No âmbito das obras específicas sobre Israel têm-se os volumes da “História de Israel e dos povos vizinhos” de Herbert Donner e também o título de John Van Seters “Em busca da História. A Historiografia no mundo antigo e as origens da história bíblica”. Esta última, configura-se como um bom estudo para demonstrar a presença do gênero “historiografia” em meio a sociedade israelita, confrontando assim a idéia clássica que atribui a paternidade da história a Heródoto. Os volumes de Donner, por sua vez, limitam-se a uma percepção da história de Israel extremamente calcada no método histórico-crítico o qual tem sido fragilizado contemporaneamente frente ao avanço das pesquisas arqueológicas. Donner reconhece, entretanto, a dificuldade de se trabalhar certos períodos da suposta história israelita, como o caso dos “juízes”, uma vez que, nesse caso, a Bíblia se torna fonte única não sendo possível contrastá-la com evidências materiais ou epigráficas.²³ Em todo caso é louvável a presença de tais títulos em uma disciplina de história antiga pois a partir deles o discente pode buscar por outras produções sobre o tema.

Também no Rio Grande do Sul, a PUCRS contempla duas disciplinas acerca do mundo antigo: História da Antiguidade Oriental e História da Antiguidade Clássica. O Israel antigo é explicitamente citado na primeira disciplina, no entanto, as informações disponíveis no *site*

²¹ Para uma idéia do debate sobre a reforma de Josias, veja-se: <http://www.airtonjo.com/historia24.htm>, visto em 03/06/2014.

²² A obra de Finkelstein e Silberman aponta, por exemplo, para a plausibilidade histórica do reino de Onri, o qual é descrito de maneira pejorativa na Bíblia.

²³ DONNER, 1997, p. 170.



da IES em questão não permitem tomar conhecimento das referências usadas para tal estudo.²⁴

A UFRJ, apesar de ser a universidade mais antiga do Brasil, não engloba a antiguidade oriental em suas duas disciplinas obrigatórias de história antiga.²⁵ Nesse caso a exclusão é de todo Oriente e não apenas de Israel, ou seja, o discente oriundo de tal instituição apenas entra em contato com o passado clássico, Grécia e Roma. Tal fato certamente chama atenção, sobretudo porque a referida instituição conta com um orientalista em seu corpo docente.²⁶

A UNB, por seu turno, também possui duas disciplinas obrigatórias de história antiga e parece seguir a via classicista. Com base nas análises das ementas dispostas no *site* da referida IES percebe-se a ausência do oriente antigo como um todo²⁷. O contato com o oriente parece se dar pelo estudo do helenismo²⁸. Assim como na UFRJ o discente da UNB não entra em contato com a história antiga oriental.

No caso da UFF a instituição abrigou por longos anos um dos únicos orientalistas/egiptólogos brasileiros, o já falecido Prof. Ciro Flamarion Cardoso. Contemporaneamente a instituição comporta uma única disciplina de história antiga que contempla o passado oriental e clássico. O Israel antigo não aparece explicitamente na ementa do mesmo modo como não se percebe bibliografia específica sobre esse tema nos títulos apresentados. Entretanto, a instituição faz uso do mesmo manual geral sobre Oriente que também figura na USP e UFMG.

O caso da PUCSP parece ser o de outras instituições já citadas, onde o oriente é desconsiderado como um todo.²⁹ Por fim, no caso da UFPE, Israel é citado explicitamente na ementa da única disciplina de história antiga, contudo, não é apresentado nenhum título específico sobre o tema bem como não se percebe a utilização de nenhum manual geral sobre oriente antigo.

²⁴ Veja-se: <http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/ffch/EmentasCursoHistoria.pdf>, visto em 13/06/2014.

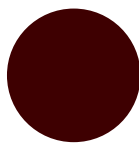
²⁵ Veja-se em: http://www.historia.ufrj.br/ementarios/obrigatorias_fch/HISTORIA_ANTIGAI.pdf e http://www.historia.ufrj.br/ementarios/obrigatorias_fch/HIST_ANTIGAI.pdf, visto em 03/06/2014.

²⁶ Trata-se do Prof. Antonio Brancaglion Junior.

²⁷ Veja-se a ementa de “História Antiga I”:
<https://condoc.unb.br/matriculaweb/graduacao/disciplina.aspx?cod=139068>, visto em 03/06/2014.

²⁸ Como se pode observar na ementa de “História Antiga II”:
<https://condoc.unb.br/matriculaweb/graduacao/disciplina.aspx?cod=139076>, visto em 03/06/2014.

²⁹ Pelo menos é o que se pode supor a partir da análise do site da IES:
http://www.pucsp.br/sites/default/files/download/graduacao/cursos/matriz_licenciatura_hist.pdf, visto em 11/06/2014.



A presença do Israel antigo nos cursos de História

Frente ao exposto até o momento percebe-se uma limitação dos estudos de história antiga no Brasil. Em tese, a disciplina deveria abranger o passado oriental e clássico o que demandaria, no mínimo, uma disciplina para cada período. Entretanto, dos dez cursos analisados apenas cinco deles possuem duas disciplinas devotadas ao mundo antigo (UNB, UFRGS, PUCRS, UFRJ, USP) sendo que do total destas instituições o Israel antigo está ausente em três delas (UNB, USP, UFRJ).

Em termos de presença na ementa, a história antiga de Israel aparece explicitamente em quatro das dez instituições analisadas (UFPE, PUCRS, UFRGS, Unicamp). Contudo, em termos de bibliografia específica sobre o tema, percebe-se apenas a presença de três obras, usadas unicamente em duas instituições: Donner (1997) e Van Seters (2008) na UFRGS e Finkelstein e Silberman (2003) na Unicamp.

Há, porém, os casos em que a temática em questão encontra-se ausente na ementa, mas presente em um manual geral sobre história antiga oriental listado nas bibliografias em uso da USP, UFF e UFMG. Trata-se da já referida obra de Garelli e Nikiprowetzky (1982). No caso dessas IES o discente de história pode, eventualmente, entrar em contato com o estudo do Israel antigo, mas, o manual utilizado encontra-se bastante desatualizado e reproduz uma percepção da história de Israel que já não se sustenta frente aos avanços nessa área de pesquisa ocorridos a partir da década de 1990 do século XX.³⁰

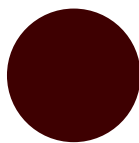
O referido manual, por exemplo, reproduz a percepção bíblica de que a formação da unidade “Israel” no século XII a.C. se deu por conta da confederação das doze tribos citadas no AT.³¹ Nesse sentido, cabe dizer que a narrativa veterotestamentária é fonte única para tratar do polêmico período dos juízes, o qual é reconhecidamente visto como pouco plausível historicamente.³² A única evidência extra-bíblica dessa época, a chamada estela de Merneptah, apenas se refere ao termo “Israel”, entretanto, não é possível a partir dela supor o que de fato era Israel nesse período.

Não obstante, a obra de Garelli e Nikiprowetzky sustenta a existência histórica das monarquias de Davi e Salomão, o que contrasta com a pesquisa arqueológica

³⁰ Nesse sentido merece destaque especial a formação do *European Seminar in Historical Methodology* (1996) que revolucionou as pesquisas referentes a história antiga de Israel. Veja-se: <http://www.airtonjo.com/reviews02.htm>, visto em 11/06/2014.

³¹ GARELLI & NIKIPROWETZKY, 1982, p. 50.

³² A esse respeito veja-se DONNER, 1997, p. 170.



contemporânea.³³ Ademais, o uso que os referidos autores fazem do texto bíblico parece sugerir que ambos consentem com a intervenção divina na história, o que, obviamente, é incompatível com uma reflexão crítica sobre o passado humano, afinal, intervenções sobrenaturais não podem servir como variante de explicação histórica.³⁴

Considerações Finais

A falta de bibliografias específicas e o uso de algumas já desatualizadas certamente contribuí para o fato de não haver pesquisa sobre a história antiga de Israel em meio aos historiadores. Sabidamente, essa temática foi, desde o seu primórdio, maciçamente dominada por teólogos.³⁵ Da mesma forma, contribui para esse quadro o fato da história antiga no Brasil ter sido extremamente focada no passado clássico desde o seu princípio. Pode-se dizer que os estudos da antiguidade em solo nacional, começaram, de fato, a partir da década de 1950 com o trabalho do Prof. Eurípedes Simões de Paula, na USP³⁶ e desde então houve um notável avanço da comunidade de classicistas, ou seja, pesquisadores devotados ao estudo de Grécia e Roma.

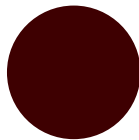
A história antiga oriental como um todo teve raros representantes no Brasil. Dentre os expoentes da área pode-se destacar dois docentes que estiveram em condições de conduzir pesquisas de doutoramento sobre o passado oriental: Prof. Emanuel Bouzon e Prof. Ciro Flamarion Cardoso. Em todo caso, a história antiga de Israel permaneceu como um órfão acadêmico em meio à comunidade de historiadores. Uma mudança desse quadro, sem dúvida, é possível, porém, passa necessariamente pelo estreitamento das interações entre teólogos e profissionais da História bem como por uma atualização bibliográfica nos cursos de formação de professores.

³³ Veja-se, por exemplo: FINKELSTEIN, I. & SILBERMAN, N.A. *David and Solomon, In Search of the Bible's Sacred Kings and the Roots of the Western Tradition*. New York, 2006.

³⁴ Veja-se, por exemplo, a descrição que os autores fazem sobre o reino de Davi com base no texto de 2 Samuel. GARELLI & NIKIPROWETZKY, 1982, p. 57.

³⁵ Nesse sentido veja-se: WHITELAM, K. *The Invention of Ancient Israel: The silencing of Palestinian history*. London. Routledge, 1996.

³⁶ CAPELATO, M.H.R.; GLEZER, R.; FERLINI, V.L.A. *Escola uspiana de História. Estudos Avançados - 60 anos de USP: ciências básicas e humanidades; origens e linhas de pesquisa, perfis de mestres*, São Paulo: IEA/USP, v. 8, no. 22, set./dez. 1994.



Sabidamente as principais produções sobre a história antiga de Israel são realizadas no estrangeiro³⁷ e, lamentavelmente, poucas delas foram traduzidas para o português o que, evidentemente, dificulta o acesso dos estudantes em início de carreira a tais produções de ponta. Entretanto, em solo nacional se pode encontrar literatura atualizada em língua portuguesa, nesse sentido, tem-se, por exemplo, o texto do célebre orientalista italiano Mario Liverani: “Para além da Bíblia: História antiga de Israel” (2008).³⁸ Outro recurso importante para o estudo do Israel antigo reside no documentário “A Bíblia e seu tempo: um olhar arqueológico sobre o Antigo Testamento”, o qual permite ao estudante um contato com a pesquisa arqueológica de ponta praticada em Israel.³⁹ Por fim, é preciso considerar a contribuição brasileira nesse campo de estudo, nesse sentido, destaca-se o texto do Prof. Airton José da Silva que procede a uma análise da história de Israel com base nos principais debates internacionais sobre o tema: “A história de Israel na pesquisa atual”.⁴⁰

Referências

ASSMANN, Hugo. *Curiosidade e prazer de aprender: o papel da curiosidade na aprendizagem significativa*. Petrópolis: Vozes, 2004.

CAPELATO, M.H.R.; GLEZER, R.; FERLINI, V.L.A. *Escola uspiana de História. Estudos Avançados - 60 anos de USP: ciências básicas e humanidades; origens e linhas de pesquisa, perfis de mestres*, São Paulo: IEA/USP, v. 8, no. 22, set./dez. 1994.

DA SILVA, A. A História de Israel na Pesquisa Atual, In: FARIA, J. F. (org.) *História de Israel e as pesquisas mais recentes*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

DONNER, H. *História de Israel e dos povos vizinhos*. São Leopoldo, Sinodal – IEPG/Petrópolis, Vozes, vol. I, 1997.

FINKELSTEIN, I. & SILBERMAN, N.A. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: Girafa, 2003.

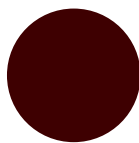
FINKELSTEIN, I. & SILBERMAN, N.A. *David and Solomon, In Search of the Bible's Sacred Kings and the Roots of the Western Tradition*. New York, 2006.

³⁷ Com principal destaque para as obras elaboradas a partir do European Seminar in Historical Methodology. Mais informações em: <http://www.airtonjo.com/minimalistas.htm>, visto em 13/06/2014.

³⁸ LIVERANI, M. *Para além da Bíblia: História antiga de Israel*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2008.

³⁹ MORGENZTERN, I.; RAGOBERT, T. *A Bíblia e seu tempo - um olhar arqueológico sobre o Antigo Testamento*. 2 DVDs. Documentário baseado no livro *The Bible Unearthed*, de Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman. São Paulo: História Viva - Duetto Editorial, 2007.

⁴⁰ DA SILVA, A. A História de Israel na Pesquisa Atual, In: FARIA, J. F. (org.) *História de Israel e as pesquisas mais recentes*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.



GARELLI, P. & NIKIPROWETZKY, V. *O Oriente Próximo Asiático: impérios Mesopotâmicos – Israel*. São Paulo: Pioneira, Edusp. 1982.

LIVERANI, M. [Para além da Bíblia: História antiga de Israel](#). São Paulo: Loyola/Paulus, 2008.

MORGENSZTERN, I.; RAGOBERT, T. *A Bíblia e seu tempo - um olhar arqueológico sobre o Antigo Testamento*. 2 DVDs. Documentário baseado no livro [The Bible Unearthed](#), de Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman. São Paulo: História Viva - Duetto Editorial, 2007.

SAND, Shlomo. *The invention of the Jewish People*. London/New York: Verso. 2009.

VAN SETERS, J. [Em Busca da História: Historiografia no Mundo Antigo e as Origens da História Bíblica](#). São Paulo: EDUSP, 2008.

WHITELAM, K. *The Invention of Ancient Israel: The silencing of Palestinian history*. London. Routledge, 1996.

Sites de internet

<http://adusp.org.br/index.php/139-movimento-discente/390-estudantes-da-puc-sao-punidos-por-boicotar-enade>, visto em 28/05/2014.

<http://www.airtonjo.com/minimalistas.htm>, visto em 13/06/2014.

<http://www.airtonjo.com/reviews02.htm>, visto em 11/06/2014.

http://arte.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/09/09/entenda_o_ruf/metodologia_completa.pdf, visto em 28/05/2014.

<https://condoc.unb.br/matriculaweb/graduacao/disciplina.aspx?cod=139068>, visto em 03/06/2014.

<https://condoc.unb.br/matriculaweb/graduacao/disciplina.aspx?cod=139076>, visto em 03/06/2014.

<http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/01/08/mec-divulga-lista-com-mais-38-cursos-ruins-que-devem-ser-punidos.htm>, visto em 28/05/2014.

<http://emec.mec.gov.br/>, visto em 13/02/2014.

<http://www.fafich.ufmg.br/atendimento/historia/programas-das-disciplinas/programas-historia-versao-2001/periodo-01/HISTORIA%20ANTIGA.pdf/view>, visto em 02/06/2014.

<http://historia.fflch.usp.br/docentes/graduacao>, visto em 28/05/2014.

http://www.historia.ufrj.br/ementarios/obrigatorias_fch/HISTORIA_ANTIGA1.pdf, visto em 03/06/2014.

http://www.historia.ufrj.br/ementarios/obrigatorias_fch/HIST_ANTIGAII.pdf, visto em 03/06/2014.

<http://www.ifch.unicamp.br/graduacao/disciplinas/semestre114/disciplinas/HH185A.pdf>, visto em 03/06/2014.

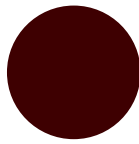
<http://www.ifch.unicamp.br/graduacao/disciplinas/semestre113/disciplinas/HH185A.pdf>, visto em 03/06/2014.

<http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/ffch/EmentasCursoHistoria.pdf>, visto em 13/06/2014.

http://www.pucsp.br/sites/default/files/download/graduacao/cursos/matriz_licenciatura_hist.pdf, visto em 11/06/2014.

<http://ruf.folha.uol.com.br/2013/comoefeitooruf/>, visto em 28/05/2014.

http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=333, visto em 03/06/2014.



<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sgldis=FLH0105&codcur=8030&codhab=104>, visto em 02/06/2014.

<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sgldis=FLH0106&codcur=8030&codhab=104>, visto em 02/06/2014.

Mensagens de e-mail

CABACEIRAS, Rolph. *Re: Ementa UFF*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por josue.berlesi@bol.com.br em 03/05/2014.

PINTO, Renato. *Re: Ementa UFPE*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por josue.berlesi@bol.com.br em 03/05/2014.

VARGAS, Anderson. *Re: Ementa UFRGS*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por josue.berlesi@bol.com.br em 08/05/2014.